A EDUCAÇÃO NAS CASAS DE MATRIZES AFRICANAS

Ana Paula Torres Santana

Resumo

Educar é o ato de instruir para apropriação e acúmulo de saberes, é basicamente uma atividade humana necessária ao funcionamento e manutenção da vida social, onde são transmitidos os bens culturais que não necessitam ser apenas os elementos clássicos e, ou científicos.Este trabalho é fruto de uma observação participativa, constituindo numa pesquisa etnográfica com objetivo de compreender como acontece o processo ensino - aprendizagem nas casas de culto africano, minimizando a intolerância religiosa.A educação no candomblé ocorre de forma gradual e sistemática aos iniciados, orientados pelos mais velhos na religião, onde lhes são transmitidos pela oralidade os fundamentos e segredos da religião. No candomblé, em seu processo de educação, além dos fundamentos religiosos também são ensinados saberes relacionados as danças, músicas, toques e cânticos que fazem parte das liturgias ritualísticas na língua falada pela nação, em iorubá, ewe, nagô, bacongo, ambundo ou ovibundo constituindo as primeiras instituições de ensino de arte-educação aberto para todos no Brasil.

Palavras chaves: Educação. Candomblé. Religião.

Introdução

Entre os séculos XVI e XIX, entrou no Brasil um grupo quantativamente significativo de homens e mulheres africanos que aqui foram escravizados visando atender aos interesses econômicos mercantilistas europeu, onde o negro era mais uma mercadoria e o continente africano o seu fornecedor,sendo o alvo de uma série de investidas. De várias regiões geográficas e etnias diferentes, destacam-se duas matrizes importantes; os sudaneses e os bantos.

Com os africanos, estima-se que tenha chegado cerca de quatro milhões de africanos, e com eles, a religião do culto aos orixás, baseada em fundamentos, que mais adiante passou a ser uma ameaça a religiosidade branca e cristã católica. Tal confronto durou cerca de mais de três séculos de resistência ás perseguições, e até mesmo repressões policial que ocorreram até a década de 30, quando o presidente Getúlio Vargas decreta a liberdade do culto em território nacional. Hoje com a intolerância e o preconceito ao povo do "santo", aparentemente menos agressiva, mas, não menos dolorida, que mora no imaginário de grande parte da sociedade, acreditando que tudo que vem da África, é sujo, primitivo e, no caso da religião está relacionado com o mal.

A palavra candomblé, do termo original Kandombile (culto e oração) encontrou no Brasil uma terra fértil para se disseminar, sofrendo nova interpretação. O candomblé propriamente dito é uma dança religiosa de origem africana, no qual os iniciados reverenciam os deuses africanos. A dança associada aos toques e cânticos assume o papel de uma invocação. Nos diferentes locais onde o processo religioso se desenvolveu, a sua identidade segue soluções étnicas, chamadas de nações de candomblé, existindo quatro nações: Jeje, Ketu, Nagô e Angola.

Os terreiros, roças, axé, ilê, aldeia ou abaçá são verdadeiras comunidades, são estas as casas de matrizes africanas, nome utilizado hoje pela antropologia, que denomina também as casas umbandistas, pois o seu eixo fundamental religioso é oriundo da cultura africana. As casas prestam serviços a toda vizinhança, sendo uma casa aberta para quem queira entrar, é nessa instituição, porque não dizer educacional, que os ensinamentos, saberes milenares, são transmitidos do formal oral, de geração á geração, perpetuando a cultura e os saberes africano.

O processo de ensino – aprendizagem ocorre em duas condições: de modo formal, onde a escola é o cenário principal do processo; e a informal ocorrendo em instituições extra escola, como na família, movimentos populares e outras organizações sociais, sendo este, o caso da educação nas casas de matrizes africanas.

O presente trabalho é uma pesquisa etnográfica e qualitativa, e tem por objetivo minimizar os efeitos da intolerância religiosa na sociedade. A escrita deste artigo basea-se em fatos observados durante as cerimônias religiosas nas casas de culto africano, constituindo-se numa observação participativa.

O candomblé e a educação

Depois da primeira iniciação chamada em iorubá de bori, o abian passa a ser um neófito da religião africana. Após o bori, o iniciado faz a confirmação nos três, sete, quatorze e vinte e um anos. Aos poucos, de forma intencional, os mais velhos vão transmitindo o conhecimento adequado para sua idade no santo, seja por mitos ou provérbios africanos antigos, usando a oralidade como meio, nenhum ensinamento é dado de forma escrita "A educação no terreiro de candomblé acontece de forma gradual e sistemática e ritualística." (LEITE, 2006, p.30.) O verdadeiro sentido da educação é o socializar através da apropriação do conhecimento, ou ainda da transmissão cultural.

Toda sociedade precisa cuidar da formação dos seus membros, auxiliando no desenvolvimento de suas habilidades, preparando-os para uma participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social, não vivemos em uma ilha, isolados. "Não existe sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade" (LIBÂNEO, 2005 p.24).

Essa prática não constitui apenas uma exigência da vida social, é e deve ser um processo de fomentação de saberes, de elaboração de conhecimentos, tanto científicos quanto culturais. "O ensino corresponde a ações, meios e condições para realização da instrução." (LIBÂNEO, 1994, p.23).

O candomblé é uma cultura e a religião faz parte dessa cultura. Entendendo cultura como os padrões, as crenças e os conhecimentos expressos por valores materiais ou não, levando em consideração as falas de Libâneo:

> Para as concepções culturalistas, a educação é uma instância cultural dirigida á formação de indivíduos, mediante a transmissão de bens culturais que se transformam em forças espirituais internas na educação... Apropriando-se de valores culturais, o indivíduo forma sua vida interior, sua personalidade, e com isso pode criar mais cultura. (1994, p. 76)

A educação do povo de santo é informal, pois acontece fora da escola, porém move-se a partir de ações organizadas, conscientes e intencionais, sabendo exatamente aonde se quer chegar. O candomblé assume função de mantenedora de memória reveladora das matrizes africanas, já elaborados como afro-brasileiros. Quando iniciados, os indivíduos adeptos dos seus ritos conservam viva a cultura africana com seus orixás e ancestrais.

Orixá (ori= cabeça e xá = dono)é um termo que designa forças cósmicas e vivas da natureza, é um força da criação divina(Olorún). Os orixás são divindades representadas pelas águas doces, (Oxum) águas salgadas (iemanjá), raios (Iansã), águas paradas(Nanâ),pelo ferro,(Ogum),pelas matas(Oxóssi),folhas (Ossaim), dentre outros.

> O candomblé abriga um monoteísmo difuso em torno de Olorún o ser supremo, criador do universo e fonte de vida de todos os seres criados. Longe dos homens comunica-se com eles através da natureza: as plantas, as águas salgadas e doces, o raio e o trovão as doenças e a caça. (LEITE, 2006, p.16)

Nos terreiros os iniciados aprendem a conviver na irmandade e solidariedade, aprendendo por vivências, com o legado dos princípios africanos, onde o entendimento da religião é absorvido junto com os valores e princípios de convivência social, como o respeito às crianças que são educadas livremente, já os adultos, são espelhos, modelos de educação; os mais velhos são vistos como fonte viva de sabedoria.

> O Candomblé é antes de tudo, um espaço físico que abastecido do espaço ideológico e das vertentes da tradicionalidade ou da emergência, está mais próximo das camadas historicamente mais resistentes e conscientes. Pelos multimeios de que dispõe, está ligado a um ideal estético africano, presente enquanto espetáculo ou enquanto importação sistemática, seja de elementos materiais ,seja de informações socioculturais que buscam, nostalgicamente, reatar laços centenários com o continente africano (LODY, 1987, p.46).

Pela vontade do orixá, através do ifá (comunicação entre Olorún e o homem: jogo de búzios) o iniciado é orientado ao crescimento na cultura, na vida social e a que cargo possuirá na casa. Esta consulta é feita pelo zelador, que pode ser o babalorixá ou pela yalorixá, únicos na religião que podem realizar este tipo de atividade. Existem funções exclusivamente femininas como das Ekedis (auxiliares de alto status religioso) das iaquequerê (mãe pequena, auxiliar da ialorixá) e das Yá efun (responsável pela pintura corporal). As mulheres cabem o conhecimento sobre indumentárias e suas confecções, culinárias, preparação de contas, quelês e outros adereços. Já o trabalho masculino é o de fornecer implementos em cobre, latão ou ferro para os pejis (conjunto de altares); os oxogum, responsável pelo sacrifício dos animais; olossãe que detêm o conhecimento das folhas para o uso medicinal ou litúrgico; e o dos alabés que são os tocadores de atabaques.

A educação candomblecista, embora com distinção entre homens e mulheres é fruto da relação entre os membros da casa, o saber representa poder, e, é praticamente igual entre todos freqüentadores iniciados,prevalecendo a hierarquia entre quem tem poder e quem não tem.

No candomblé o ensino cria um ambiente de hierarquia e estratificação, lembrando que a organização é feita com o tempo de permanência na religião. Sem questionamentos, respeitando então o fundamento da religião de matriz africana, relacionado às formas de conduta, aos segredos e procedimentos nos rituais. O noviço passa a adquiri pela educação, um rico código de símbolos e

gestos associados a um código lingüístico específicos dos rituais. Cada elemento seja uma conta, uma palha, um búzio simboliza e transcende o orixá.

A religião passa a orientar a vida social, auxiliando nas decisões de sua vida, é o eixo pelo qual se estabelecem as atividades dentro da comunidade, nas relações interpessoais e familiares, considerando a família do santo como sua nova família, pois existem irmãos, filhos (Yaôs), pais (babalorixá) e mães (yalorixá) de santo.

A essência dos ritos é a fixação e o desenvolvimento do axé, palavra africana de origem nagô que significa "força invisível, mágica, espécie de bateria que aciona os deuses africanos e também os homens." (LODY, 1987, p.56).

Ao aprendiz cabe: saber tratar os assentamentos, saber se dirigir aos orixás, guardar as sextas feiras (dia de Oxalá), e o dia dedicado ao seu orixá, falar na língua da casa, aprender os orikis (orações), conhecer e fazer os alimentos de cada orixá, bem como conhecer sua mitologia, identificar e confeccionar os objetos e indumentárias, conhecer as pinturas corporais, reaprendendo a viver em sua nova vida, com deveres e obrigações.

Aprende-se também a respeitar os mais velhos, fato não comum em nossa sociedade, onde com a evolução o homem passou a desvalorizar os mais velhos. No candomblé os mais velhos são vistos como fonte de saber, e não se dirigem á eles sem pedir licença (agô), e, onde estes estão reunidos não se pode se aproximar caso não seja chamado, para falar com estes é preciso curvar-se um pouco, em sinal de respeito.

Também, como obrigação religiosa, não se pode ir a outra casa ou terreiro sem a permissão do babalorixá ou yalorixá, não se tem relações sexuais nos dias que precedem os rituais religiosos, toma-se banho de folhas (abô) ao chegar ao terreiro, e, não se senta na mesma altura do zelador, que representa a figura maior na hierarquia.

Os toques, cânticos e danças também fazem parte do fundamento religioso. Esta última, a dança, constitui uma linguagem eficaz no dialogo entre as divindades, os adeptos e a natureza. Cada orixá possui coreografia própria. Tal atividade exige um conhecimento elaborado sobre passos, e movimentos de corpo que traduzem situações sobre a mitologia dos orixás.

Segundo Lody (1987, p.63) “esse conjunto de coreografias e rigoroso cumprimento de postura que as compõe fortalecem o conceito e ás aproxima de uma cena teatral”.

A música também merece destaque, pois é ela que determina o andamento do ritual e as coreografias. O aprendiz também necessita conhecer os toques, lentos em alguns momentos e rápidos em outros, sendo estes específicos de cada nação de candomblé, suas diferenças são percebidas pela linguagem empregada no vocabulário de uso religioso: Ketu (iorubá), Jeje (fon), Nagô (Ewe) e angola (bacongo, ambundo e ovibundo, somados ao Português). A língua do terreiro deve ser entendida como veículo de expressão, de ligação entre o homem e o orixá.

O aprendizado musical faz parte da iniciação religiosa, ela é polirrítmica e tocada por três atabaques: Rum (maior e mais grave) rumpi (médio) e o lê (menor e mais agudo), podendo também incluir o afoxé ou cabaças, dependendo do fundamento da casa.

Para se tocar instrumentos é preciso saber entoar os cânticos (Orikis) e conhecer os toques, tarefa exclusiva dos homens, cabendo as mulheres cantarem o início dos rituais ou apenas acompanhar o coro das cantigas.

De acordo com o exposto até aqui, é possível constatar que na comunidade africana o aprendizado acontece de forma marcante, com respeito e humildade, onde os saberes vão sendo repassados aos poucos, de acordo com a necessidade, e respeitando o tempo de aprendizagem de cada um. Tais ensinamentos, que constituem verdadeiros jogos simbólicos e são, ainda hoje, transmitidos, sem o uso da escrita “No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantêm como tradição as histórias que podem ser consideradas como práticas educacionais” (Machado, 2002) A aprendizagem se dá pela socialização, pela troca e pela prática, promovendo, dessa forma, a coesão grupal, onde a palavra oral é quem conduz a ação, sendo a forma de ensinar e aprender mais eficaz e eficiente.

Com isso pode-se afirmar que as casas de matrizes africanas são verdadeiras escolas onde acontece uma educação única, secular e organizada. Conviver em um terreiro é aprender a viver com as diferenças, numa vivência singular e anti - racista onde a educação dinamiza a sociedade dentro e fora do candomblé.

Considerações Finais

O candomblé ensina, e este ensinamento persiste e persistirá por muito tempo, por muitas gerações, graças ao processo educativo que faz a religião acontecer com o objetivo de manter viva a cultura da ancestralidade africana. Talvez se deva isso ao fato da oralidade que na ausência da escrita se manteve em segredo, pois a palavra escrita pode ser rasgada ou queimada, mas o ensino falado sempre será guardado e lembrado. Embora em algumas vezes tenha havido deturpação de conhecimentos, como no caso de algumas palavras cantadas em ioruba, que por se escutar de forma errada, foi ensinada errada, fato perigoso para cultura; e ao sincretismo religioso, que disfarçou por muitos anos o culto aos orixás.

Nesta perspectiva, as casas de matrizes africanas constituem verdadeiras escolas para a vida, ensinando os saberes africanos pela socialização, onde seus adeptos aprendem e aprenderão a dançar, cantar, tocar e até mesmo a falar outra língua, constituindo, dessa forma uma das primeiras instituições de arte e educação inclusiva, aberta ao público brasileiro.

Referências Bibliográficas

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de monografia, dissertação e tese**. São Paulo: VVERCAMP, 2006.

LEITE, Vanderlei Furtado. **Candomblé e educação**: dos ilês ás escolas oficiais de ensino. São Paulo: Mestrado em Sociologia. Universidade de Sociologia de Santo André, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática – Coleção magistério – 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para que?** 8ª edição São Paulo: Cortez, 2005.

LODY, Raul. **Candomblé**: religião e resistência, São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, Vanda. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. Salvador: EDUFBA, 2002.

MACHADO, Vanda. **Intolerância religiosa:** Vigiando e punindo. Seminário: Racismo e xenofobismo e intolerância. Salvador: IPRI, 2002.

.